

## O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO DE UM FOLHETO: UMA LEITURA SEMIÓTICA

Flaviano Batista do NASCIMENTO (UFPB)<sup>149</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo principal fazer uma análise do processo de referenciação de um folheto, identificando nele como algumas imagens referenciais foram moldadas pelo poeta no momento da produção e da refacção textual. O *corpus* consta do folheto de cordel: “*Juvenal e o dragão*” (2005), do poeta paraibano Leandro Gomes de Barros (1865\1918), no qual observamos e discutimos termos e ideias como: “a instabilidade generalizada”, “a instabilidade das relações entre as palavras e as coisas”, “instabilidades categoriais em controvérsias científicas”, “a instabilidade das categorias dentro de práticas linguísticas e cognitivas”, os protótipos, as anáforas etc. A teoria escolhida é a semiótica francesa, desenvolvida por Algirdas Julien Greimas. A referenciação, que vai da referência ao referente ou “coisa referente e coisa referida”, fundamentar-se-á em Greimas (2016), Rastier (2001) e, sobretudo, em Mondada e Dubois (2016). A referência pode ser classificada como um termo da semiótica e também da linguística que relaciona um objeto textual ou do sistema, construído culturalmente, independentemente do idioma do sujeito, com outro extralinguístico ou extrasemiótico (não-semiótico), que está fora da língua, porém é designado por ela, mesmo que se trate de objetos abstratos (objetos aparentemente sem referência). Segundo Greimas (2016: 413), “o termo referência denomina a relação que vai de uma grandeza semiótica a uma outra não-semiótica, a qual depende, por exemplo, do contexto\* extralinguístico”. A grandeza semiótica faz parte da língua e pode ser incorporada aos textos; a outra, é o referente (elemento concreto ou do mundo imaginário que está externo ao sistema linguístico, mas este o referencia por meio de atos enunciativos). Tal contexto, mesmo sua apreensão sendo do domínio da semiótica, nada impede que a língua o absorva e o apreenda através da descrição, da designação, da indicação etc., posto que, no texto (conjunto de signos), indiretamente, está a referência ao objeto (que pode ser físico, concreto, imaginário, histórico etc.).

**Palavras-chave:** Semiótica; Referenciação; Folheto; Transcodificação; Cultura.

### *THE PROCESS OF REFERENCE OF CORDEL BROCHURE: A LECTURE SEMIOTIC*

**ABSTRACT:** *This work has as main objective to do an analysis of the process of reference of leaflet of string, identifying as some images referential have modified to the popular poet when he made the textual production and the reproduction. The corpus is composed the twine: “Juvenal e o dragão”, of poet of the Paraíba Leandro Gomes de Barros (1865\1918), which we are going to see and to debate terms and ideas how: “a instabilidade generalizada”, “a instabilidade das relações entre as palavras e as coisas”, “instabilidades categoriais em controvérsias científicas”, “a instabilidade das categorias dentro de práticas linguísticas e cognitivas”, “os protótipos”, “as anáforas” etc. The theory is selected is the semiotics French, advanced to Algirdas Julien Greimas. The reference, that she comprehends referent and the thing referenced, is going to stand on Greimas (2016), Rastier (2001) and Mondada and Dubois (2003). The reference can be classified as term of the semiotics and too of the linguistics that she connects a textual or systematic object, it is built culturally, independently of the language of the subject, with another extra linguistics or extra semiotic (no semiotic). That it is outside of the langue, but it is designed by herself. Albeit that it is about of abstracts objects (objects without reference apparent. Greimas (2016, 413) says that “the term reference design the relation a amplexness semiotic and another no-semiotic. She depends of the extra linguistic context par exemple”. The semiotic amplexness does part of the langue and she cans be*

<sup>149</sup> Aluno de doutorando do PPGL. Orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima B. de M Batista

*incorporated on texts, Another forms the referent (the concrete element of the imaginary world that outside of system of the langue. This context, same he being do ascendance of the semiotics, nobody arrests that the langue him absorb at of the description, of the designation, of the indication etc. though, on the text (group of signs), it is the reference to the object physical, concrete, imaginary, history etc.*

**Key-Words:** *Semiotics; Reference; Brochure; Transcoding; Culture.*

## INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva fazer uma análise do processo de referenciação de um folheto, identificando nele como algumas imagens referenciais foram moldadas pelo poeta no momento da produção e da refacção textual.

O *corpus* consta do folheto de cordel: “*Juvenal e o dragão*” (2005), do poeta paraibano Leandro Gomes de Barros (1865\1918), no qual observamos o processo de referenciação e alguns mecanismos de instabilidade e estabilidade que lhe são concernentes.

A teoria semiótica considerada foi a de linha francesa, também chamada greimasiana, que se atém ao estudo da significação, concebida como função semiótica, prevista e manifestada em discurso. Essa teoria apresenta três estruturas: estruturas narrativas, estruturas discursivas e estruturas fundamentais. A referenciação, que vai da referência ao referente ou “coisa referente e coisa referida”, fundamentar-se-á em Greimas (2016\_), Rastier (2001) e, especialmente, em Mondada e Dubois (2016).

A referência pode ser classificada como um termo da semiótica e também da linguística, que relaciona um objeto textual ou do sistema, construído culturalmente, independentemente do idioma do sujeito, com outro extralinguístico ou extrasemiótico (não-semiótico), que está fora da língua, porém é designado por ela, mesmo que se trate de objetos abstratos (objetos aparentemente sem referência).

Segundo Greimas (2016: 413), “o termo referência denomina a relação que vai de uma grandeza semiótica a uma outra não-semiótica, a qual depende, por exemplo, do contexto\* extralinguístico”. A grandeza semiótica faz parte da língua e pode ser incorporada aos textos; a outra, é o referente (elemento concreto ou do mundo imaginário que está externo ao sistema linguístico, mas este o referencia por meio de atos enunciativos). Tal contexto, mesmo sua apreensão sendo do domínio da semiótica, nada impede que a língua o absorva e o apreenda através da descrição, da designação, da indicação etc., posto que, no texto (conjunto de signos), indiretamente, está a referência ao objeto (que pode ser físico, concreto, imaginário, histórico etc.). A referenciação, assim, corresponde ao percurso enunciativo estabelecido entre referência e referente, ou o cerne da abstração e da concretude dos objetos.

## O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO

Quando pensamos a respeito da *referenciação*, remetemo-la imediatamente a um processo (algo que sucede à referência ao objeto em si). Neste sentido, o processo é o modo subjetivo de que utilizamos a língua (as palavras) para caracterizar, ou melhor, para categorizar as coisas do mundo que, independente da existência humana, existem na natureza como forma concreta ou abstrata, aguardando uma conceituação que está intimamente vinculada à língua ou à semiótica em um primeiro momento. Contudo, o conceito não é a única maneira que temos para “fazer ser os objetos do mundo”, já que atualmente, com o desenvolvimento tecnológico e mercadológico, é frequente e corriqueiro o uso incessante

tanto de protótipos e estereótipos naturais e culturais, quanto discursivos e mediáticos, de modo que precisamos de uma estabilidade semiolinguística, a fim de afastar e evitar a preponderância estereotípica na sociedade.

Quando pensamos neste termo isoladamente, associamo-lo logo à famosa dicotomia saussuriana: “*langue et parole*”. Esta constitui o processo, aquela, por sua vez, compõe o sistema. Só que estas categorias se relacionam entre si no momento da retomada de algum objeto pertencente ao mundo natural. Porém, a referência não pode ser enquadrada estritamente nos dizeres de Saussure, já que seu pensamento está condensado em um signo somente binário, composto de significante e significado, que não corresponde a tal processo, conquanto elimina da língua as coisas em si mesmas. Para tanto, consideramos o processo de enunciação de E. Benveniste, que propôs um “*eu/aqui/agora*” na passagem que vai da mente do sujeito à fala, constatando que a língua humana não encerra um fato isolado, estanque nas suas bases, sem precisar de elementos que consolidem o léxico, como sendo um fator de existência semiótica antes de tudo.

É mister salientar que estamos tratando de objetos ou signos tripartidos, os quais mantêm um diálogo direto com Peirce, contrapondo às ideias sígnicas de Saussure (que, por razões óbvias, bipartiu o signo, como vimos, retirando o mundo natural da língua), embora o pensamento inovador do linguista genebrino sempre seja formado de elementos primordiais para quaisquer épocas. Isto posto, propomos, de já, duas tricotomias: referência/referênciação/referente e signo semiótico ou linguístico/coisa referente/coisa referida (que está fora do sistema). Aqui, entretanto, havemos de tratar de tais tricotomias separadamente, pois fá-las-emos em oportunidades futuras, conforme formos averiguando outros textos à análise.

Todo *processo* implica em sequência, em série ou em sucessão. Uma **prova** ou **exame de docência**, por exemplo, subjaz na sua constituição uma etapa que envolve didática, prova escrita, prova de títulos e entrevista e, em alguns casos específicos, a feitura de uma redação. Isto acontece com vestibulares, com processos seletivos, com ingressos em cursos, em concursos ou em pós-graduação. Até nas filas bancárias, detectamos uma **seriação** (pessoa após pessoa, perna após perna etc.).

O processo, deste modo, pode-se estar em um único objeto ou em vários objetos do mundo natural. Nas ruas e avenidas, os **carros** sucedem uns aos outros, nos **supermercados**, as prateleiras e os compartimentos se colocam uns após os outros, nas **praias**, os quiosques se enfileiram uns depois dos outros etc. Por outro lado, em um **quiosque da praia**, em um **cardápio**, especialmente, o preço das bebidas e das comidas se segue em ordem alfabética, do menor para o maior, do tipo do produto (no caso das bebidas, as nacionais antecedem às importadas; no caso das comidas, os petiscos sucedem aos frutos do mar etc.) etc., em um **carro**, os para-brisas se sequenciam em seu redor, os bancos e os pneus se acompanham uns posteriores aos outros etc., e em uma **prateleira** ou em um **compartimento**, os produtos se emparelham uns do lado dos outros em série.

Nos objetos de referência, que fazem parte do mundo natural, tal procedimento é possível e certo de ocorrer. Pensemos, pois, na palavra **mangueira**: há, em primeiro lugar, um grupo de mangueiras que podem formar uma série ou uma sucessão de mangueiras, as quais são nomeadas genericamente, e que são pressentidas por um dos sentidos humanos (visão, tato, audição, paladar ou olfato). Este conjunto de mangueiras pertence ao lexema **árvore**, isto é, faz parte de uma totalidade hiperonímica. Nesta instância, o homem, sujeito de linguagem, apenas define tal objeto por meio da nomeação. Em segundo lugar, já dentro da particularidade e da singularidade, os sujeitos se atêm ao objeto em si, observando suas características constitutivas, as quais o diferenciam dos objetos presentes no mundo. De quaisquer pontos que apreendermos o objeto mangueira, realizar-nos-emos um processo: seja

na descrição ou na conceituação, seja até mesmo na nomeação, que também institui um processamento fonológico ou fonético (m+a+n+g+u+e+i+r+a).

Nota-se, então, que o processo acontece tanto na relação do homem com o mundo, da língua com as coisas, quanto do sujeito individualizado com os objetos que lhe rodeiam. Nesta ordem, a referenciação também requer nomeação, indicação, descrição e, mormente, conceituação, a fim de fazer ser o mundo em que vivemos de diferentes pontos de vista, livremente do *modus operandi* do sujeito ou do discurso produzido na forma de texto, de frase ou de obra literária.

(Obs. Não trataremos neste trabalho da autorreferencialidade, conforme destacaram alguns pós-estruturalistas franceses (Barthes, Pottier etc.). Havemos de nos deter a tricotomia já mencionada).

Depois das relações dicotômicas desenvolvidas por Saussure, e aprofundadas mais tarde tanto pelos estruturalistas quanto pelos funcionalistas, como, por exemplo, Hjelmslev, que projetou a “Glossemática”, Trubetzkoy, que sobrepôs a fonologia à fonética, e Jakobson, que enriqueceu as funções da linguagem de K. Bühler, acrescentando a função poética às já existentes etc., os linguistas se viram obrigados a retornar aos ideais da tradição filosófica antiga, especificamente à classificação platônica do signo, a qual o dividiu em onoma (o nome), eidos ou logos (a coisa referida) e pragma (a coisa referente), a fim de referencializar o mundo moderno que já fora tripartido há muito tempo.

Esta tripartição, podendo ser associada às tricotomias produzidas por Peirce, Lacan, Ogden e Richards, adveio com os inventos tecnológicos que nos descobriram novos mundos: primeiramente, a invenção do telescópio nos apresentou um mundo extraterrestre, que ainda é infinito de delimitações, embora muito de si já se tenha referenciado muitas informações desde a Antiguidade. Em segundo lugar, a criação do microscópio nos mostrou um mundo que nos parecia inexistente, pelo fato de a maioria dos microrganismos ser invisível ao olho humano. Assim, não mais lidávamos com um mundo diante de nós, próximo, palpável, visível em sua plenitude, porém com três mundos, que precisavam ser postos em evidência, ainda que utilizássemos um acervo terminológico, com termos retirados das ciências modernas e da Língua Latina em sua maioria. Isto só demonstra que a “língua-mãe” tão procurada pelos linguistas dos séculos XVIII E XIX não se constituiu isoladamente, como apregoou a linguística moderna, dissuadindo de seus estudos os objetos do mundo, ou seja, pondo de lado a referência, como se o ser humano fosse uma abstração de si mesmo mais perfeita; e que sempre refutou o lócus onde vivia, dispondo do concreto imediato, da coisa em si. Portanto, também mostra que os sujeitos sempre vincularam suas línguas aos mundos possíveis de nomear e de conceituar (através das sensações momentâneas). Para isto, basta pensarmos na imensa quantidade de termos científicos que foram incorporados pelas línguas modernas, principalmente após a invenção da *Impressão em Tipos Móveis*, que foi aperfeiçoada por Johann Gutemberg, a *Revolução Industrial Inglesa*, ocorrida no século XVIII, e a *Revolução Virtual Americana*, sucedida no século XX e prolongada até o século XXI, a partir da qual se criou e se disseminou o computador pelo mundo, irradiando informações a todas as castas sociais.

## PROCESSOS DE INSTABILIDADE E DE ESTABILIDADE NO FOLHETO

### A instabilidade referencial

A referenciação é uma categoria semiótica e linguística que se realiza por meio de processos instáveis e processos estáveis. Segundo MONDADA E DUBOIS (2016: 21), ela, além de estruturar o mundo, advém “de práticas simbólicas mais que de uma ontologia dada”. Vemos, assim, que a referenciação não relaciona o signo com as coisas figurativamente, pois isto cabe à referência, porém, como diz RASTIER (apud MONDADA E DUBOIS, 2016: 21), faz uma “relação entre o texto e a parte não linguística da prática em que ele é produzido e interpretado”.

A passagem da referência para o referente pressupõe um dinamismo, ou um processo, que leva em consideração, além do sujeito em carne e osso, um sujeito sociopolítico e cognitivo, perante uma vinculação inscrita na relação subjetiva, direta ou indireta, entre seu discurso e o mundo no qual sucedem os diálogos e as vivências sensoriais. Segundo as autoras (2016: 21), “este sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias - notadamente às categorias manifestadas no discurso”.

Assim, o sujeito social não faz só referência ao mundo exterior, porém o referencia, o recria, o refaz, dando-lhe sentidos e fazendo-lhe ser na língua, através dos atos de fala e dos processos de estabilidade linguística conforme veremos no decorrer do trabalho.

Em todo processo de fala e escrita há uma “instabilidade” generalizada. Os objetos, de modo geral, são considerados como estáveis e também apresentam elementos intrínsecos e particulares à sua formação, mesmo que evoluam perfeitamente e sofram mutações estruturais e constitutivas em suas raízes. Aparte, as ações subjetivas no mundo também são marcadas por erros, equívocos, por imprecisões e por dificuldades de nomeação adequada. Isto sucede com as línguas vernáculas em oposição às línguas clássicas, sagradas e artificiais (línguas que foram inventadas pelo homem como o esperanto), mas decorre também, conforme as autoras, devido “às más realizações” linguísticas da sociedade que está em um estágio anterior da língua, e que, portanto, usa um sistema incompleto, popular, ignorante, hermético e imperfeito, o qual precisa de adequação formal e atualização substancial, embora seja quase que impossível implantar os virtúemas cognitivos no meio social como um todo.

Quando verificamos esta inadequação ou esta incompletude, constatamos imediatamente uma desigualdade social, problemas de incapacidade vocabular, uma pobre educação linguística e literária, grandes índices de analfabetismo funcional, violência desenfreada etc.

No folheto, encontramos algumas passagens que apresentam palavras que se referem a objetos de épocas remotas da língua portuguesa. Eis um exemplo:

A moça vendo o embrulho  
Pender pro fundo da gruta  
Dando cada rabiçaca  
Com uma força absoluta  
Vendo a hora que o rapaz  
Também morria na luta.  
(BARROS, 2005: 10).

Isto, no entanto, não significa dizer que estamos impedidos de usar palavras velhas, arcaicas ou fora de moda. O importante é que referenciemos tais objetos de modo que mantenham uma estabilidade referencial que se pauta na anáfora, na descrição, na designação etc.



Outra característica da referenciação é a “instabilidade das relações entre as palavras e as coisas”, que veicula os objetos sociais e naturais estáveis para os instáveis ao longo do tempo e, vice-versa. Falando a respeito da estabilidade, as autoras afirmam:

Estabilidade resulta, de fato, de um ( ponto de vista realista que relaciona as categorias às propriedades do mundo – como se a objetividade do mundo produzisse a estabilidade das categorias - no lugar de relacioná-las aos discursos sócio históricos e aos procedimentos culturalmente ancorados. Se, ao contrário, adotarmos este segundo ponto de vista, não será surpresa ler que a cenoura é transformada de raiz ou de legume em fruta por decisão da Comunidade Europeia em janeiro de 1991. (MONDADA E DUBOIS, 2016: 28).

A instabilidade, por sua vez, relaciona de modo inadequado objetos conforme os espaços sociais. Aquilo que correspondia a uma classe de objetos pode passar a uma outra tranquilamente, como mostraram as autoras, tratando-se do objeto cenoura.

Os processos referenciais também modificam ao longo da história, como se ressalta:

As categorias utilizadas para descrever o mundo mudam, por sua vez, sincrônica e diacronicamente: quer seja em discursos comuns ou em discursos científicos, elas são múltiplas e inconstantes; são controversas antes de serem fixadas normativa ou historicamente. (MONDADA E DUBOIS, 2016: 23).

No folheto, Juvenal, um sujeito simples, corajoso, aventureiro, passa a herói ao matar o dragão e casar-se com a princesa. O cocheiro, sujeito falso, mentiroso, é sancionado negativamente, tendo a morte em forma de punição. Assim, vemos de logo que Juvenal é guerreiro, enquanto o cocheiro, acompanhante da princesa, é, além de tudo, traidor, pois encobriu a verdade do rei, dando a entender que era o salvador da pátria. Logo notamos que a categorização do cocheiro, feita pelo narrador no início, é falsa e não condiz com sua recategorização ao final da história. Primeiramente, o narrador, nas páginas 5, 6, 8 e 9 respectivamente, diz-nos: “O cocheiro muito triste Suspirava vez em quando”, “Quase sem poder falar O cocheiro respondeu”, “É este o motivo justo Da nossa grande tristeza” e “O cocheiro como estava Quase morto de pavor”. Depois, já na sanção das partes, nas páginas 27, 28, 30 e 31 respectivamente, relata-nos: “Agora estou desgraçado!”, “Ele é mentiroso, Sem ver o monstro correu!”, “Agora o cocheiro sim, Fez verdadeira traição” e “Mandou por quatro carrascos Tirar-lhe o couro ele vendo”.

A adequação, neste caso, não é necessária para vermos os caracteres corretos e exatos de tais detalhes, porém é relevante que demonstremos as descrições sociocognitivas pelas quais um sujeito se refere a outro, e se tais dizeres são falsos ou verdadeiros ao fim da narrativa.

Juvenal, após retornar ao reino, cumprindo o que prometera à princesa, não mais se referirá ao cocheiro como sendo medroso, inocente, meigo, mas como um sujeito ignóbil, vil, debelador real como vimos.

Tratando-se da “Instabilidades categoriais em controvérsias científicas, consideramos os objetos do mundo como passíveis de sofrer alterações por causa das descobertas científicas, isto é, eles podem ser desestabilizados e modificados por decisões político-administrativas e- ou sociopolíticas, da mesma forma consideramos as controvérsias científicas, que são, consoante MONDADA E DUBOIS (2016: 29), “provocadas pelos julgamentos divergentes de dependência ou de tipicidade”. Assim, elas revelam distintas possibilidades de categorização e recategorização, e se resolvem com uma seleção subjetiva, marcada pelo

paradigma e pela norma. Tal seleção será legitimada apenas ao evoluir da ciência histórica, como exemplificam as autoras:

Se se toma, por exemplo, a categoria das aves, pode-se ver que, desde o século XVI, os morcegos são aves, mesmo que sejam descritos como mamíferos cobertos de pelo e não de penas. O que é pior, uma controvérsia em paleontologia foi provocada pela classificação do *Arqueoptérix*, um animal com penas, mas incapaz de voar, ou como dinossauro, ou como ave. Para os paleontólogos que creem que os dinossauros têm o sangue frio, o *Arqueoptérix* é um ancestral das aves; para os paleontólogos que creem que os dinossauros têm o sangue quente, o *Arqueoptérix* é um dinossauro que resolveu com suas penas o problema de manter o calor de seu corpo. (MONDADA E DUBOIS, 2016: 29).

Estas “controvérsias” apresentam discussões, desacordos, embora podemos observar a estruturação de suas categorias, ou melhor, do seu modo de categorizar e estabilizar os objetos, sem que seja possível dissipar a instabilidade que, comumente, caracteriza nosso modo de “entender, descrever e compreender o mundo” a que visamos.

No tópico “A instabilidade das categorias dentro de práticas linguísticas e cognitivas, a instabilidade, como asseguram as autoras (2016: 30, está vinculada às suas ocorrências, situadas em práticas que dependem de processos enunciativos, atividades cognitivas (verbais ou não-verbais), interações subjetivas provisórias, textuais ou contextuais. Por fim, ela se manifesta em todos os níveis linguísticos: seja por meio da sintaxe, seja por meio do discurso. Também sucede através da modalidade oral e da escrita, quando a sintaxe sofre titubeação, hesitação, interrupção do sintagma ou do paradigma. Vejamos dois exemplos citados pelas autoras:

(1) "et alors à ce moment-là j'avais une bourse euh au chose au lycée au collègue quoi".

(1) "e então naquela época eu tinha uma bolsa anh pelos negócios no liceu do colégio".

(2) "je buvais mon petit verre à table mon petit verre enfin un grand verre quoi".

(2) "eu bebia uma dose na mesa do bar, uma dose nada, um porre mesmo". (MONDADA E DUBOIS, 2016: 30).

Percebemos que os sujeitos dos enunciados pretendem ilustrar ou precisar os objetos da referência, os quais se afirma “progressivamente”, a partir da escolha da palavra exata, adequada ao discurso objetivo e verdadeira aos fatos. Por isso acontece essa troca propositada ou involuntária de paradigmas. Isto, de certo modo, também objetiva a situação, a circunstância, os objetos referidos e designados.

Como se nota, o locutor usa a primeira palavra que lhe vem à mente, em vez de buscar o termo ou o vocábulo exatificado, certificado, apropriado, provocando um problema textual ou discursivo, ainda que eles construam seus textos e seus discursos e, sobretudo, realizem a comunicação (razão primeira da língua). Mesmo assim, é mister ressaltar que a seleção adequada à situação pode resultar em grandes textos e em grandes obras tanto da literatura quanto da retórica, independentemente da recategorização incessante.

A referência adequada, portanto, conforme as autoras (2016: 31), “pode ser vista como um processo de construção de um caminho ligando diferentes denominações aproximadas que não são excluídas pela última escolha”. Isto encontramos até mesmo nos textos escritos que absorveram os processos da sintaxe oral, como vemos em rasuras, em

manuscritos, em modos de refacção textual, em substituições léxicas de romances, poemas, contos etc. Observamos este processamento em:

Era um monstro sem feitio  
De um corpo descomunal,  
Todo coberto de escamas,  
Mais duro do que metal,  
Tudo era mole na ponta  
Do ferro de Juvenal.  
BARROS, 2005: 10).

Vemos que a instabilidade não ocorre devido a uma ineficácia linguística, já que as línguas têm seu padrão estrutural e suas normas de seleção e combinação, porém decorre da ineficiência linguística do sujeito, que só usa o sistema inconsciente e indiferente à presença do outro como um tu, não como uma não-pessoa benvenistiana.

### **A estabilidade referencial**

No que diz respeito aos processos de estabilização, falaremos, neste trabalho, apenas dos protótipos, dos estereótipos e das anáforas textuais.

O *protótipo* corresponde a uma ideia primeira, inicial, introdutória. De certa forma, ele é particular, mas, ao se relacionar com o mundo, generaliza-se, ou, podemos dizer, contamina-se, e adentra outros meios sociais, como acontece com as cores naturais (que são os núcleos organizados da categoria cor). Discutindo os nomes rotulados, as autoras afirmam:

Os nomes enquanto rótulos correspondem aos protótipos e contribuem para sua estabilização ao curso de diferentes processos. Primeiro, eles correspondem às unidades discretas da língua, que permitem uma descontextualização do protótipo segundo os paradigmas disponíveis na língua e garantem sua invariância através dos contextos. Em seguida, a nomeação do protótipo torna possível seu compartilhamento entre muitos indivíduos através da comunicação linguística, e ele se torna, de fato, um objeto socialmente distribuído, estabilizado no seio de um grupo de sujeitos. Tal protótipo compartilhado evolui para uma representação coletiva chamada geralmente de estereótipo. (MONDADA E DUBOIS, 2016: 43).

Então, o protótipo, entidade pura, primordial, ao passar por estas mudanças, torna-se um *estereótipo* (que pode ser usado de modo negativo ou positivo, a depender da intenção coletiva e-ou individual). Embora carregado de razões a priori, o estereótipo pode estabilizar significado de palavras em uma comunidade, uma visão, uma cultura, uma convenção social, um modo de falar ou de escrever, um aprendizado etc., mas também desestabilizar uma sociedade, propagando mentiras a respeito de pessoas, de obras literárias, de cidades, de países etc. Assim sendo, “a evolução dos protótipos e das significações das palavras para estereótipos não se baseia mais em propriedades realistas ou de valores de verdade, mas na codificação social dos modos de falar e de Representar o mundo” (MONDADA E DUBOIS, 2016: 44).

O protótipo, portanto, acepção pura dos nomes, na referenciação subjetiva e intersubjetiva, transforma-se em estereótipo, independentemente da categorização (classificativa, qualitativa, figurativa, destrutiva, racista etc.). No folheto, detectamos algumas passagens que se ligam a esta problemática:



Disse o rapaz: - Para que  
Ninguém duvide da história  
Que lutei com esse monstro  
E na luta alcancei vitória;  
Tiro dois dentes da fera  
Para servir de memória.  
(BARROS, 2005: 12).  
O povo todo deu crença  
Ao que o cocheiro dizia  
O rei disse: - És um herói,  
Mostraste ter valentia!  
Vou promover-te a fidalgo  
Da alta aristocracia.  
(BARROS, 2005: 18).

Na *discursivização*, que envolve ator, tempo e espaço, os discursos podem ser instáveis e estáveis, o que nos faz precisar de correção, proposta e de especificação. Neste sentido, a anáfora perpassa os dois polos, seja a anáfora correferencial, seja a anáfora associativa.

A *anáfora* é uma categoria que retoma algo que vem anterior à situação dialógica ou narrativa. De certa maneira, ela presentifica os sujeitos, os fatos, as ações, os tempos, os espaços, as cenas etc. por meio dos operadores argumentativos e das conformidades e desconformidades subjetivas.

No folheto, são retomados não apenas palavras, espaços, sujeitos, como também situações narrativas inteiras, como mostra o exemplo a seguir:

Quando eu fiquei no bosque  
Onde o cocheiro deixou  
Que ia subindo a serra  
Esse homem me acompanhou  
Foi lutar com o dragão  
Eu vi quando ele matou...  
(BARROS, 2005: 29).

A anáfora, assim, é muito mais que substituir um José por ele, um “vai dormir”, por tu etc., pois, como se viu no folheto, há toda uma repetição da cena da morte do dragão, e de como o cocheiro forçou a princesa a omitir os fatos em seu favor.

## RESULTADOS PROVISÓRIOS

Existem, pois, outros processos tanto de instabilidade quanto de estabilidade e também de anáfora, que não foram abordados aqui devido à extensão e à limitação do trabalho. Ainda assim, a análise demonstrou que a instabilidade pode acarretar malefícios e problemas linguísticos na formação do indivíduo e até mesmo na consolidação social. Porém, quando evolui à estabilização, pode trazer benesses e fatos positivos ao sujeito e à sociedade, já que esta categoria serve de ancoradouro às práticas discursivas dos sujeitos.

Revelou também que a referenciação está vinculada tanto a um sistema, que abrange referência e referente, quanto a um processo, que envolve as situações que dependem das relações subjetivas e intersubjetivas com o mundo e com as coisas.

A referenciação, portanto, como a enunciação, as relações dialógicas, a narração, a descrição etc., faz-se dependente do eu/aqui/agora, ou seja, necessita de um sujeito situado no tempo e no espaço e está assegurado em um discurso (ideológico ou histórico).

Mostrou, por fim, que o folheto concentra todas as problemáticas discutidas por MONDADA E DUBOIS: seja em relação às categorias instáveis, seja em relação às estáveis (principalmente os protótipos, os estereótipos e as anáforas de diversas espécies). Independente disto, estes processos são semióticos e linguísticos, visto que, fora da língua, há um mundo ao qual fazemos referência por meio da referenciação, isto é, um mundo de referentes a que referimos, a que descrevemos, a que conceituamos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Leandro Gomes de. **Juvenal e o Dragão**. Fortaleza (CE): Tupynanquim, 2005.
- \_\_\_\_\_. **No reino da poesia sertaneja: antologia**. (Org. Irani Medeiros). João Pessoa: Ideia, 2002.
- BATISTA, M. F. B. M. **A enunciação: do fazer persuasivo ao interpretativo**. In: XIX Jornada Nacional de Estudos Linguísticos, 2002, Fortaleza. Programa & Resumos - XIX Jornada Nacional de Estudos Linguísticos. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2002. v. 1. p. 72-72.
- \_\_\_\_\_. **Modelos Pancrônicos de Descrição Linguística: Percursos de Sentido**. In: Revista Internacional – *Acta Semiótica et Linguística*, v. 19, n. 1, 2014 João Pessoa: Editora Universitária/UFPB/Ideia, 2014.
- BENVENISTE, ÉMILE. **PROBLEMAS DE LINGUÍSTICA GERAL I**. 4 ED. SÃO PAULO: PONTES, 1995.
- \_\_\_\_\_. **PROBLEMAS DE LINGUÍSTICA GERAL II**. 2 ED. CAMPINAS, SP: PONTES, 2006.
- CARDOSO, S. H. B. **A questão da Referência: das Teorias Clássicas à Dispersão de Discursos**. Campinas: Autores Associados, 2003.
- GREIMAS, A. J./ COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2016.
- GREIMAS, A. J. **Sobre o Sentido: Ensaio semióticos**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Tradução de J. Teixeira Neto. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- MONDADA, L. E DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: **Referenciação** / Organizadoras Mônica Magalhães Cavalcante, Bernardete Biasi Rodrigues, Alena Ciulla. – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2016.
- RASTIER, François. **Ação e Sentido por uma Semiótica das Culturas**. Tradução: Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2010.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.